

Replicantes e proletários: a essencialização da condição de trabalhador em *Blade Runner*

Lucas Casagrande

Carlos Fernando Torres Oviedo

No futurístico 2019, Los Angeles se torna uma metrópole negra e depressiva, repleta de decadência urbana. Rick Deckard, um ex-policial, é um "Blade Runner". Blade runners são pessoas contratadas para assassinar "replicantes". Os replicantes são andróides que se parecem com seres humanos. Quando quatro replicantes se amotinam violentamente em uma colônia fora da Terra, Deckard é chamado de sua aposentadoria para rastrear os andróides. Conforme ele vai achando eles, os eliminando um por um, ele mesmo começa a lidar com outra replicante, Rachel, que demonstra emoções humanas. Conforme Deckard se aproxima do líder do grupo replicante, seu ódio genuíno à inteligência artificial o faz questionar sua própria identidade neste mundo futuro, incluindo o que é humano e o que não é (IMDB, 2017).



A ficção científica é ilustrativa, já que possibilita demonstrar ideias em termos práticos. É uma forma de extravasar uma realidade para um extremo com a finalidade de demonstrar consequências práticas. Acaba por funcionar como uma escada de Wittgenstein: não ilustra de forma exata a teoria, mas possibilita degraus entre a realidade e as ideias. O caso do filme *Blade Runner* (1982) é emblemático: se tornou cultuado pelas inúmeras discussões que pode gerar, das existenciais às sociais, das epistemológicas até técnicas de fotografia e sonoridade cinematográfica.

Ao nosso ver, *Blade Runner* (1982), bem como sua continuação recente, *Blade Runner 2049* (2017), utilizam da ficção científica para refletir sobre questões sociais. Neste mundo distópico, os replicantes são o futuro da classe trabalhadora, ao passo que os humanos, em números decrescentes, se tornam os capitalistas. Para que a separação de classes funcione de maneira mais eficiente, ou seja, para que a dominação seja plena, é necessário que os trabalhadores sejam essencializados enquanto tal. Dessa forma, sintetizamos o nosso argumento: *Blade Runner* (1982) ilustra o ápice da sociedade capitalista onde o trabalhador é essencializado e se reduz tão somente ao papel que lhe é atribuído, se tornando um mero replicante.

Apesar do sucesso de crítica, o mesmo se mostrou um fracasso de público e amargou prejuízo. Um tanto se atribui ao fato da versão final ter sido tornada

mais leve, com locuções em *off* e deixando a discussão bioética em um plano não tão evidente. Outro tanto se atribui ao mal momento para o lançamento: duas semanas após a E.T. (1982) nos EUA, de forma a se sobrepor e concorrer diretamente nos *multiplex*, e no mesmo dia do concorrente no Brasil. Embora ambos problemas possam explicar em parte o fracasso de bilheteria, há ainda uma questão que se sobrepõe: o filme traz discussões perturbadoras que não conseguem ser desvinculadas pela sua estética *cyberpunk* ou pela suas cenas de ação. Não se trata de um filme da abrangência de E.T., pois não objetiva um momento de entretenimento. É um filme profundamente questionador e nisso demonstra sua perspicácia e genialidade – mas aí também reside sua incapacidade de faturar.

Ademais, E.T. não só foi um grande *blockbuster* de seu tempo, como também o foi no mesmo nicho de mercado: a ficção científica. Como todo nicho, “ficção científica” pode significar muitas coisas, mas é vendido como uma coisa só. E.T., como a maioria dos filmes de Steven Spielberg, é um filme de platitudes bem executadas. Não trata de nenhum tema polêmico, não emite nenhuma reflexão dura. No entanto, dado que é do mesmo gênero de *Blade Runner* (1982), ocupa o mesmo público-alvo de publicidade e ocupação de salas de cinema.

Tantos outros filmes notórios em sua capacidade crítica e analítica tiveram o mesmo destino de fracasso de bilheteria: *Brazil* (1985), uma brilhante crítica à dominação racional-legal e seu aparato burocrático, arrecadou somente 2/3 de seu custo; *Clube da Luta* (1999), filme cultuado por despir a sociedade de consumo, só conseguiu ser superavitário por conta do mercado internacional; *Cidadão Kane* (1941), um sarcasmo feroz à condição psicológica dos que buscam incessantemente riquezas materiais, só deu lucro porque seu custo esteve na banda orçamentária de filmes amadores, e mesmo assim só obteve retorno décadas depois.

Em um primeiro momento *Blade Runner* (1982) parece bastante óbvio na sua tratativa de discussão bioética. E já aí chama a atenção: o início da década de 1980 ainda era bastante longínquo das primeiras experiências de criação de seres artificiais. Ainda hoje essa prática não é tão comum quanto escritores de ficção científica do passado postularam ou temiam. *Blade Runner* (1982) trata disso não como uma questão técnica, mas sim como uma questão social: como lidar com *seres que não obedecem?*

O filme, por sua vez, é baseado no romance de Philip Dick (1996) publicado originalmente em 1968. O título original, "*Do Androids Dream With Electric Sheep?*" dá uma ideia de um tom profundamente existencial, mas também uma crítica a como tratamos outros seres humanos. De certa forma, poderíamos ler o título de

uma forma social, ao estilo de “Trabalhadores sonham com ovelhas esfarrapadas?”.

A trama se baseia na ideia de uma sociedade futura onde os robôs se tornaram semi-biológicos para, após, se tornarem praticamente idênticos a seres humanos, mas com cérebros alinhados a vocações e tarefas específicas e com corpos mais resistentes a essas aplicações. São, de forma geral, mais fortes para tarefas que requerem músculos. Ou mais libidinosos e resistentes a doenças transmissíveis para trabalhos sexuais. Dessa forma, os “replicantes” preenchem na realidade o sonho da classe dominante: seres descartáveis, super-resistentes a aplicações práticas que não reclamariam direitos trabalhistas nem a uma vida pessoal. Também não votariam, não seriam cidadãos e, caso necessitasse de tratamento médico, a opção de produzir um novo replicante poderia gerar um melhor custo-benefício. Eles são a completude do projeto de produção de corpos dóceis.

Conforme Foucault (2005, p.118), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. O projeto de submissão completa do ser humano ao Capital, ao sistema total, poderia encontrar seu êxito na modificação genética, na alteração não só social do indivíduo, mas na alteração biológica. Pouco satisfeitos com seres que reclamam direitos, o mundo

produtivista resolve adentrar a mais uma esfera privada, a última fronteira: o DNA humano. A produção industrial do corpo completamente dócil.

No entanto, alguns desses replicantes não mostrariam comportamento de acordo com o projetado podendo se rebelar ou simplesmente se negar a executar atribuições devidas. Esta é a base do enredo do filme: o que acontece quando seres programados para serem obedientes, corpos dóceis, não obedecem? Para isso há uma figura mercenária, especializada em lidar com rebeldes, um caça recompensas: o *Blade Runner*. Trata-se de um instrumento de coerção para garantir a dominação da classe trabalhadora.

Até aí o enredo parece não se distanciar muito do clássico problema de como lidar com seres artificiais que se tornam conscientes e desobedientes. Inúmeros filmes *blockbusters* como *Matrix* (1999) e o *Exterminador do Futuro* (1984) lidam com essa mesma problemática. Autores tão famosos como Asimov (2004) trataram disso em inúmeros livros (de fato, Asimov escreveu centenas de livros sobre o tema) chegando a soluções extremamente funcionais, como as três leis da robótica.

A riqueza do enredo reside justamente na inversão da questão: aqueles que se tornam conscientes de sua existência não o fazem de forma justa? Como haveria

disso ser um problema? A questão, no filme, só se torna evidente ao final do filme: Rick Deckard, o personagem principal, o caçador de replicantes, pode ser ele mesmo um replicante. A questão de se ele o é se torna perturbadora a qualquer audiência. O filme nos coloca numa cilada: passamos duas horas acreditando que o problema daquela sociedade ficcional são os replicantes para, ao final, descobrirmos que nós mesmos poderíamos ser hipoteticamente replicantes.

Tal questão é tão impactante no filme que a versão lançada nos cinemas¹ a torna ambígua e controversa. A cena final adquire outra conotação, dando a entender que existe a possibilidade de Deckard ser um replicante, mas em um nível mais hipotético. O personagem principal só lembra da frase de seu chefe “É uma pena que ela não vá viver [para sempre], mas ao final, quem vive?” deixando de lado o unicórnio de origami feito pelo mesmo. Tal unicórnio é uma peça importante na dúvida, explorada somente na versão do diretor, já que comprovaria que o chefe de Deckard sabe que ele sonha com unicórnios. Afinal, como saberia de seus sonhos se ele não foi programado?

Dessa forma queremos demonstrar que *Blade Runner* (1982) exhibe, por meio de seu exagero típico de ficção científica distópica, nossa própria sociedade. Para isso, discutiremos a visão funcionalista de sociedade por meio do corpo com órgãos. Em

1 A versão do filme lançada nos cinemas (“*theatrical cut*”) se diferencia da versão do diretor (“*final cut*”) lançada em fitas VHS e DVDs.

um segundo momento, demonstraremos como a questão da luta de classes está subjacente em todo este universo ficcional. Finalizamos retomando as questões existenciais que o filme suscita mais largamente.

O CORPO COM ÓRGÃOS

Replicants are like any other machine: they are either a benefit or a hazard. If they are a benefit, it's not my problem (Deckard).

Every civilization was built on the back of disposable workforce (Blade Runner 2049).

O nome *Blade Runner* é de difícil tradução, a ponto de ser divulgado no Brasil como “Caçador de Andróides”. Andróide, por sua vez, é um conceito jamais usado no filme. Embora o livro que o originou (Dick, 1996), contenha tal conceito, no filme o mesmo foi substituído por “replicante” como reflexo de um esforço de libertação de preconceitos. Afinal, para que a reflexão que o filme traz faça sentido é necessário que a fronteira entre ser humano natural e artificial seja borrada.

A tradução pode não ser precisa, mas ela também é quase impossível. Senão, vejamos: não se trata de um corredor (*runner*) que possui uma lâmina (*blade*), mas a referência a uma pessoa que faz uma lâmina correr – um executor, um

carrasco, uma espécie de polícia com superpoderes legais referentes a um tipo específico de pessoa (replicantes). A tradução mais precisa, neste sentido, seria algo como “Aquele que faz a lâmina correr”, o que não parece ser um título chamativo.

Mas queremos chamar atenção a um ponto específico: o filme se passa sob o ponto de vista de um operador de uma função específica da sociedade: aquilo que Parsons (1964) chama função de manutenção dos modelos culturais. A sociedade de *Blade Runner* é uma sociedade claramente moderna e funcional(ista). No entanto, enquanto Parsons faz um elogio e prescreve uma sociedade funcionalista, o filme faz a denúncia dos horrores resultantes de tal ordem. Tal sociedade visa eficiência, conforto material e uma teleologia que eternamente adia a vontade. Para isso, ela necessita de uma conformidade dos indivíduos a um sistema maior. A conformidade, ou seja, a função integração de Parsons, é dada pela tecnologia operada de forma a criar seres humanos conformados naturalmente. Neste sentido a tecnologia opera como um pressuposto dado no universo do filme. E aí que entram os replicantes: eles são os indivíduos naturalmente conformados que oferecem menor resistência à exploração. Eles são os instrumentos perfeitos para uma sociedade funcional: assumem seus papéis tal qual desenhados, sem questionar e excluem sua própria individualidade em prol desses papéis.

Mas se assim bem o fosse, não haveria filme – ou, ao menos, o filme seria terrivelmente entediante². O problema levantado no filme é que mesmo esses replicantes, projetados para não oferecer resistência frente ao que se designou, podem, eventualmente, perceber que algo está errado. Nisso reside um paradoxo típico da ficção científica: é possível, com a tecnologia adequada a mão, fazer um ser humano que goste de ser escravo? Ou, dito de outra forma, o que constitui um ser humano? O próprio fato de um corpo ser hábil para fazer algo não o torna hábil a questionar a finalidade desse algo? Em termos mais ontológicos, é possível dissociar a técnica da *poiesis*?

O projeto funcionalista e produtivista de mundo pressupõe que não só é possível dissociar, como também é desejável. *Blade Runner* (1982) acerta em sua estética ao demonstrar isso: um mundo moderno, prático, funcional, rápido, mas absolutamente não desejável. Um pesadelo moderno, a hecatombe estética. Afinal, quem se importaria do mundo ser esteticamente inabitável caso tenhamos carros voadores?

2 Muito da ficção científica do século XX se pautou por isso: em pensar um mundo que, com ajuda das novas tecnologias, possa oferecer conforto material. Renegado aqui tornou-se a vida, a felicidade e o devir. A isso se refere Orwell (2017): “Todas Utopias ‘favoráveis’ parecem se parecer entre si ao postularem perfeição enquanto não conseguem sugerir felicidade”. De fato, utopias funcionais parecem tão entediantes que dificilmente parecem sociedades interessantes sob qualquer ponto de vista humano.

Barr (1997) percebe que o protagonista se preocupa mais com uma cabra do que com seres humanos – e que o livro nos leva a sentir o mesmo. Em parte, essa sensação já faz parte de nós: com frequência vemos maior preocupação social com cachorros de rua do que com moradores de rua. Barr percebe que há um especismo inverso: nós categorizamos seres humanos entre aqueles que merecem empatia e os que não merecem, ao passo que atribuímos uma certa inocência e carisma a outros animais.

O filme, dessa forma, parte de algo fundamental a qualquer sociedade funcional: quem controla aqueles que não aceitam serem subjugados pelas normas sociais? Caso a função integração não seja suficiente, caso os corpos não sejam totalmente dóceis, como controlar os revoltados, os revolucionários, os fugitivos, os escapistas, os luditas e os criminosos? A resposta é o papel exercido por Harrison Ford, o próprio *Blade Runner*: uma força policial que é autorizada (e por vezes requerida) a matar em sua caçada.

Assim, a sociedade distópica apresentada no filme é, ironicamente, um sonho funcionalista: o corpo com órgãos de Durkheim (1977). A sociedade vista como um corpo com órgãos possui finalidades -essenciais- distintas para os indivíduos, por meio de seus papéis. Dado devido tempo e suficiente aprofundamento dos papéis,

peças incorporam seus papéis e sua individualidade é suplantada pela função que exerce.

A ideia de corpo com órgãos é baseada numa divisão social funcional: a alguns caberia os mandos e a gestão (cérebro), a outros caberia a circulação, o fluxo e o trânsito (veias, artérias, coração), a outros a alimentação do corpo (sistema digestivo), e assim por diante. Importante ressaltar que se assim separamos, se por um lado a alguns cabe a direção, a outros cabe o descarte, os dejetos, o lidar com a parte imunda da nossa sociedade.

Deleuze e Guattari (2010) advogam por um corpo sem órgãos, como oposição à visão durkheimiana de sociedade expressa em *Blade Runner* (1982). Essa oposição é a falta de definição vital, é a não-funcionalidade como central à vida. É o nomadismo, a ausência da divisão do trabalho, a não-especialização, a ausência de coerção, a ahegemonia. Trata-se da ideia de uma sociedade não-instrumental, de uma vida plena que dê vazão aos desejos humanos. Trata-se da busca de como viver e se expressar em oposição a vida de acumulação e do trabalho.

Moore (2006) em sua distopia *V de Vingança*³ detalha bem uma parte específica do corpo com órgãos: o sistema sensorial, parte da função integração, ou seja,

³ A versão cinematográfica deixa de lado essa discussão.

parte do subsistema coercitivo. Neste corpo com órgãos durkheimiano, assim como no essencialismo, os sentidos são secundários ao cérebro e, portanto, operam em acordância com este. Ao nariz, cabe rastrear os que não aceitam a ordem imposta; aos olhos, observar as ruas; aos ouvidos cabe ouvir quem dedura e ao tato cabe investigar.

Assim, a sociedade funcional do corpo com órgãos de Blade Runner coloca o replicante contra um precipício onde sua única saída é aceitar o sistema cultural imposto, naturalizado, reduzindo este trabalhador a uma suposta essência funcional. Do contrário, este se torna anômico nos termos de Durkheim, ou seja, não faz parte mais de um todo, não encontra espaço na sociedade para si mesmo. Como anômico ele se torna descartável, substituível, assassínável.

LUTA DE CLASSES

There is an order to things.

That's what we do here: we keep order.

The world is built on a wall that separate kinds.

Tell either side there is no wall... you bought a war.

(Blade Runner 2049)

Se levamos a cabo essa eterna expansão econômica – a ideologia que subjaz o capitalismo atual – necessitamos eventualmente explorar territórios não



explorados. E estes territórios estão intactos, ainda, por bons motivos. A Antártida não é um continente relativamente intocado porque nós gostamos de pinguins: ela o é porque não sustenta a vida humana. Da mesma forma, a lua, asteróides, Marte etc. estão lá fora pairando alheios aos nossos anseios pela sua inviabilidade vital. Mesmo nosso precariado não suportaria uma vida tão dura.

Dessa forma, a premissa básica de *Blade Runner* (1982) é de que é possível produzir, sinteticamente, uma vida que suporte condições que de outra forma seriam consideradas inaceitáveis. Os replicantes (andróides) formam, assim, um segundo tipo de cidadãos: são basilares para a produção, para o mundo, mas são desenhados para serem explorados. O que é aceitável para eles não o é para seres humanos, tal qual a divisão clara que se faz na nossa sociedade entre a classe trabalhadora e os donos do capital. Em Marx e Engels (2005) as classes sociais se dão relacionalmente: se por um lado há os exploradores, por outro há os trabalhadores explorados. Dessa forma há de se considerar que o conceito de classe social pressupõe distintas classes que se interrelacionam por meio da exploração do trabalho e da mais-valia.

Dessa forma, os replicantes nada mais são do que os trabalhadores de nossa sociedade. Os seus caçadores, os *blade runners*, acabam por ser uma espécie de capitão do mato: se reconhecem como parte de um grupo de elite, mas na

verdade são trabalhadores tal qual os que caçam. É como se os capitães do mato da escravatura brasileira, negros e submetidos a uma posição semi-escravocrata, se reconhecessem como brancos e parte da elite rural do país. Como tais capitães demonstram, a questão não é biológica, não é se alguém é branco ou negro; replicante ou humano. A questão é social, trata-se de reconhecer a que estrato social se pertence.

A mesma imagem pode ser visualizada na atualidade por meio da atividade policial no Brasil. De forma geral a corporação policial demonstra posturas socialmente conservadoras, evitando que o estrato social inferior se revolte contra o superior. Isso é particularmente evidente nos momentos em que a população é tomada de assalto pelo capital por meio dos políticos e a polícia defende, fisicamente, tais ações.

Neste sentido, o que *Blade Runner* (1982) questiona é a possibilidade de se criar uma classe proletária que aceite que o *status quo* é justo simplesmente porque isto é dado. A técnica e a tecnologia são, nesse grande esquema das coisas, modos de operar a dominação de uma forma mais eficiente. Essencializa-se o que antes era uma questão histórica e social. Da mesma forma que a ideia de que é justo que alguém seja mais rico simplesmente porque nasceu rico, *Blade Runner* (1982) leva a ideia mais adiante assumindo que alguém não só nasceu em um determinado

contexto, mas foi projetado para uma função. Podemos dizer que o projeto distópico demonstrado é o da ideologia dominante que se torna tão natural que as alternativas se tornam impossíveis. A essencialização de uma condição é, assim, o projeto de impossibilitação de alternativas.

Harvey (1994) nota que *Blade Runner* (1982) é a execução plena de uma sociedade neoliberal. Enquanto o consumismo se dá de forma desenfreada, o planeta é destruído em um conluio total entre estado (exemplificado pela própria polícia e seus *blade runners*) e corporações (exemplificadas pela *Tyrell Corporation* e seu estonteante edifício em formato de pirâmide).

Os trabalhadores deste mundo decadente, auto-destrutivo, são os replicantes. Eles são trabalhadores sem história, o que os torna perfeitos para um ambiente de acumulação flexível. Vivem quatro anos, o suficiente para produzir e pagar seus custos, mas não tanto a ponto de gerar uma história e lastro na sociedade. Suas vidas são baseadas nos seus contratos. Do lado oposto, as classes dominantes tem herança genética, se procriam e possuem seus legados, suas heranças. Seu capital passa de pai pra filho, seus direitos à propriedade são inalienáveis.

A mediação desse conflito se dá pela própria força policial, que coage os trabalhadores a se manter em seu estado. Deckard, o personagem principal, é um

trabalhador (replicante) que não sabe que o é. Sua própria condição não reconhecida é necessária para manter sua atuação na ordem social imposta. Tal ordem hegemônica necessita se dar tanto no consenso quanto na coerção, e o personagem principal é atuante para os casos em que a segunda se torna necessária.

Para que Deckard atue contra sua própria classe, é necessário ter incorporado o que Lukács (2013) chama de função ideológica da classe dominante. Afinal de contas, conforme Marx e Engels (2007, p.47), as “ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes [...] A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual”. Dito de outra forma, o senso comum é por natureza favorável à classe dominante de qualquer momento histórico. Afinal, o processo de hegemonia só pode se dar de forma mais ou menos consensuada, deixando a coerção para situações específicas em que seja necessária.

Lukács (2013) demonstra que a ideologia possibilita resolver os conflitos entre classes sociais, generalizando os interesses da classe dominante para a sociedade como um todo. Dessa forma, visualizamos cotidianamente na nossa atualidade trabalhadores que de fato são explorados defenderem a ordem social vigente como justa a todos.

Na continuação do filme recém lançado, *Blade Runner 2049* (2017), os *blade runners* se tornam cientes de sua condição de replicante - mas para isso foram tornados mais dóceis. Mas dado que condição essencializante se torna um fator menos preponderante, o filme sinaliza que uma guerra de classes sociais está prestes a eclodir – no que se assume que seja uma continuação futura.

Em *Blade Runner* (1982), o último estágio da separação de classes sociais se dá por meio da engenharia biológica: a produção de seres destinados a serem trabalhadores. Estes, os replicantes, se dissociam da sua condição social para uma condição essencialista: são trabalhadores porque em seu DNA assim o está. A crítica que o filme deixa em aberto é que este essencialismo não é factual, mas uma armadilha discursiva. Os replicantes são tão humanos quanto os humanos o são.

O homem se torna alheio ou estranho aos produtos resultantes da sua própria atividade. Para Marx (2008), embora o homem possa ser consciente de sua própria atividade, o processo de alienação inverte a relação entre homem e sua produção social. Nesse sentido, a alienação é ilustrada aqui como a essencialização da ordem social, onde esta, que é uma produção histórico-social, passa a ser naturalizada e entendida como a ordem, única possível.

Ao final de *Blade Runner* (1982), Deckard percebe (só então!) que é um replicante ele mesmo. A cena final demonstra esse momento de epifania, a qual Lefebvre (1991) descreve como a possibilidade de superar a situação concreta alienante. Afinal, se Deckard finalmente se percebe como um trabalhador, um explorado, abre-se a possibilidade de desessencializar sua condição, tornando possível uma ruptura com a sua.

A única forma de lutar contra este estado de coisas é desessencializar o trabalhador: ele não é fruto de si mesmo nem de um projeto, mas sim de sua condição social. Afinal, se andróides podem sonhar com ovelhas elétricas, trabalhadores podem sonhar com a revolução.

REFERENCIAS

Asimov, I. (2004). *I, Robot*. London: Spectra.

Barr, M. (1997). Metahuman "kipple" or, do male movie makers dream of electric women? Speciesm and sexism in *Blade Runner*. In: J. B. Kerman. *Retrofitting Blade Runner: issues in Ridley Scott's Blade Runner and Phillip K. Dick's Do Androids Dream of Electric Sheep?* (pp. 25-31) New York: Popular Press 3.

BLADE Runner. (1982). Direção: Ridley Scott. [Estados Unidos]: Warner Home Video. 1 DVD (117 min.)

BLADE Runner 2049. (2017). Direção: Denis Villeneuve. [Estados Unidos]: Warner Bros. 1 DVD (164 min.).

BRAZIL: o filme. (1985). Direção: Terry Gilliam. [Estados Unidos]: Embassy International Pictures. 1 DVD (132 min.)

CLUBE Da Luta. (1999). Direção: David Fincher. [Estados Unidos]: Fox 2000 Pictures; Regency Enterprises; Linson Films. 1 DVD (139 min.).

CIDADÃO Kane. (1941). Direção: Orson Welles. [Estados Unidos]: RKO Radio Pictures; Mercury Productions. 1 DVD (119 min.).

Deleuze, G. & Guattari, F. (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34.

Dick, P. K. (1996). *Do androids dream of electric sheep?* New York: Del Rey Books.

Durkheim, É. (1977). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.

E.T. - o extraterrestre. (1982). Direção: Steven Spielberg. [Estados Unidos]: Universal Pictures; Amblin Entertainment. 1 DVD (115 min.)

Foucault, M. (2005). *Vigiar e punir: o nascimento da prisão* (30a ed.). Petrópolis: Vozes.

O Exterminador do futuro. Direção: James Cameron. [Reino Unido]: Hemdale; Pacific Western; Euro Film Funding; Cinema '84 - Greenberg Brothers Partnership. 1 DVD (107 min.)

IMDB, Internet Movie Database. (2017). *Blade Runner*. Recuperado em 17 julho, 2017, de: http://www.imdb.com/title/tt0083658/?ref_=nv_sr_2.

Harvey, D. (1994). *Condição pós-moderna - vol. 2.* São Paulo: Loyola.

Lefebvre, H. (1991). *Critique of everyday life - v. 1.* London: Verso.

Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social II.* São Paulo: Boitempo.

Marx, K. (2008). *Manuscritos econômicos e filosóficos.* São Paulo: Boitempo.

Marx, K. & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã.* São Paulo: Boitempo.

Marx, K. & Engels, F. (2005). *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo.

MATRIX. (1999). Direção: Lana Wachowski; Lilly Wachowski. [Estados Unidos]: Warner Bros.; Village Roadshow Pictures; Groucho II Film Partnership; Silver Pictures. 1 DVD (136 min.).

Moore, A. (2006). *V for vendetta*. New York: Gramedia Pustaka Utama.

Orwell, G. (2017). Can Socialists be happy? Recuperado em 2 maio, 2017, de : <http://www.online-literature.com/orwell/895/>.

Parsons, T. (1964). *The social system*. New York: The Free Press.

Replicantes e proletários: a essencialização da condição de trabalhador em *Blade Runner*

Resumo

Neste ensaio argumenta-se que *Blade Runner* (1982) é uma metáfora de uma sociedade de classes onde se essencializa a condição do trabalhador. Neste mundo distópico, as classes sociais não são mais vistas como questões históricas, mas sim como constantes biológicas imutáveis. A classe dominante reduz o trabalhador ao seu papel, tornando-o um mero replicante, um humano produzido artificialmente com propósitos específicos. O enredo do filme não problematiza a técnica em si, mas sim postula uma questão social: como lidar com seres que não obedecem? Tal conflito é resolvido por uma espécie de polícia que mantém a separação de classes quando tudo mais falha: os caçadores de replicantes, os “Blade Runners”. Eles são o ápice da corporação policial enquanto segregadora social que mantém a classe dominante (os humanos no filme) a salvo dos trabalhadores desobedientes (os replicantes). Contra a dominação de classes, há de se desessencializar a condição do trabalhador.

Palavras-chave

Blade Runner. Essencialização. Essência. Classe social. Trabalhador.

Replicants and proletarians: the essentialization of the condition of the worker in Blade Runner

Abstract

In this essay, it is argued that Blade Runner (1982) is a metaphor of a class society where the condition of the worker is essentialized. In this dystopic world, social classes are no longer seen as historical issues, but as immutable biological constants. The ruling class reduces the worker to his role, making him a mere replicant, an artificially produced human for specific purposes. The plot of the film does not problematize the technique itself, but rather postulates a social question: how to deal with beings that do not obey? Such a conflict is solved by a kind of police who maintains class separation when everything else fails: the replicator hunters, the Blade Runners. They are the apex of the police corporation as a social segregator that guard the ruling class (the humans in the movie) against the disobedient (the replicators) workers. Against the domination of classes, the condition of the worker must be de-essentialized.

Keywords

Blade Runner. Essentialization. Essence. Social class. Worker.

Replicantes y proletarios: la esencialización de la condición de trabajador en *Blade Runner*

Resumen

En este ensayo se argumenta que *Blade Runner* (1982) es una metáfora de una sociedad de clases donde se esencializa la condición del trabajador. En este mundo distópico, las clases sociales ya no son vistas como cuestiones históricas, sino como constantes biológicas inmutables. La clase dominante reduce al trabajador a su papel, convirtiéndolo en un mero replicante, un humano producido artificialmente con propósitos específicos. La trama de la película no problematiza la técnica en sí, sino que postula una cuestión social: ¿cómo lidiar con seres que no obedecen? Tal conflicto es resuelto por una especie de policía que mantiene la separación de clases cuando todo falla: los cazadores de replicantes, los “*Blade Runners*”. Ellos son el ápice de la corporación policial como segregadora social que mantiene a la clase dominante (los humanos en la película) a salvo de los trabajadores desobedientes (los replicantes). En contra de la dominación de clases, hay que desesencializar la condición del trabajador.

Palabras clave

Blade Runner. Esencialización. Esencia. Clase social. Trabajador.

Autoria

Lucas Casagrande

Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
<http://lattes.cnpq.br/4496077049382658>. <https://orcid.org/0000-0002-8327-4810>. E-mail: lcasagrande@gmail.com.

Carlos Fernando Torres Oviedo

Doutorando em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
<http://lattes.cnpq.br/3174622841557472>. <https://orcid.org/0000-0002-4622-8372>. E-mail: carlos.oviedo@ufrgs.br.

Endereço para correspondência

Lucas Casagrande. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Av. Pasteur, 250, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22290240. Telefone: (+55 51) 991466410.

Como citar esta contribuição

Casagrande, L. & Torres Oviedo, C. F. (2018). Replicantes e proletários: a essencialização da condição de trabalhador em *Blade Runner*. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1138-1164.

Contribuição submetida em 8 out. 2017. Aprovada em 9 maio 2018. Publicada online em 10 fev. 2019. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editorxs especiais: Andrea Poletto Oltramari, Fernanda Tarabal Lopes e Eduardo Wannmacher.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 5 | N. 14 | DEZEMBRO | 2018 | ISSN: 2358-6311